

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MEMÓRIA, COTIDIANO E IMAGINÁRIO: possibilidades para uma escrita da História de Vila Nova, a partir das narrativas de Adenil Marinho Fonseca¹

Alesson Fonseca Pantoja²

João Marinho da Rocha³

RESUMO: A pesquisa que gera este texto transita por elementos da História Social da Cultura (Cardoso, 1997; Barros, 2005), amplificando memórias que auxiliam nos processos de (re)construção de aspectos das Histórias Locais e Regionais (Reznik, 2002; Galvão, 1955), como é o caso da ilha de São Lázaro de Vila Nova. Este recorte, versa sobre aspectos da vida de seu Adenil Marinho Fonseca de 68 anos, registrados a partir da metodologia da História Oral (Alberti, 2005; Delgado, 2006), objetivou ouvir e analisar as memórias deste pescador, e isto nos possibilita um ponto de vista privilegiado da construção da sociedade a qual pertencemos, buscando-a compreender através das histórias contadas por estas vozes que carregam grandes experiências. As análises iniciais nos levam a destacarmos a importância do imaginário amazônico (Loureiro, 2015) que atravessa sua trajetória apontando inúmeras possibilidades de leituras. Assim, as histórias e lendas contadas de geração a geração resistem ao tempo e fazem parte do cotidiano amazônico, como também os ensinamentos e experiências passadas de pai para filho, de filho para neto, assim por diante. Todos estes elementos como a memória e o imaginário nos ajudam a compreender e descobrir outras formas de pensar sobre nosso próprio meio social rural amazônico. Utilizando a metodologia da História Oral, saber ouvir estes testemunhos é uma das práticas essenciais que o pesquisador deve exercer ao entrevistar. Saber lidar com as fontes, analisá-las e discuti-las da maneira adequada pode auxiliar na expansão da consciência de si e em relação ao Amazônia profunda, que precisa ser mais compreendida a partir de dentro, das suas memórias e da própria História Local.

Palavras-chave: memória; histórias; imaginário; pescadores; história social da cultura.

INTRODUÇÃO

A memória, o imaginário e a história local e regional sempre caminharam juntas no decorrer dos tempos, sendo cada uma, uma parte essencial da outra. Com isso, suas conexões são fundamentais para a compreensão do espaço em que se vive. A memória dos mais velhos abre muitas portas para a construção da identidade local e regional, trazendo suas vivências desde a infância até os anos atuais, utilizar a metodologia da história oral possibilita resgatar estas memórias que são de grande valor. O imaginário

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP, 2025

² Acadêmico do 8º período curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP

³ Professor Adjunto do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA/CNPQ/UEA e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UEA/CESP. Bolsista Produtividade acadêmica 2025/2027.

sempre caminhou junto com estas memórias, desde relatos ouvidos, até fatos vividos. A fé sempre se fez forte na região, a qual sempre foi uma maneira de afastar aquilo que era “diferente”, ou desconhecido, junta de festas e celebrações. A construção da História Local e Regional parte destas memórias e da valorização de cada história ouvida, que são peças-chave para a formação da identidade local e regional.

Esta pesquisa segue por elementos da História Social da Cultura (Cardoso, 1997; Barros, 2005) onde se justifica a importância destes sujeitos invisibilizados para a sociedade, trazendo memórias que integram o processo de (re)construção das Histórias Locais e Regionais (Rezinik, 2002; Polak, 1992), como será visto no decorrer desta pesquisa.

Este recorte, versa sobre aspectos da vida de seu Adenil Marinho Fonseca de 68 anos, registrados a partir da metodologia da História Oral (Alberti, 2005; Delgado, 2006), objetivou ouvir e analisar as memórias deste pescador, e isto nos possibilita um ponto de vista privilegiado da construção da sociedade a qual pertencemos, buscando-a compreender através das histórias contadas por estas vozes que carregam grandes experiências. As memórias de Adenil trazidas nesta pesquisa também abrem portas sobre as comunidades amazônicas, neste caso, a ilha de São Lázaro de Vila Nova, onde passou a maior parte de sua vida.

As análises iniciais nos levam a destacarmos a importância do imaginário amazônico (Loureiro, 2015) que atravessa sua trajetória apontando inúmeras possibilidades de leituras. Assim, as histórias e lendas contadas de geração a geração resistem ao tempo e fazem parte do cotidiano amazônico, como também os ensinamentos e experiências passadas de pai para filho, de filho para neto, assim por diante. São inúmeros elementos que fazem parte do cotidiano amazônico assim como o imaginário, a pesca também tem sua fundamentação e importância na vida do caboclo⁴, onde cada pescador tem suas histórias e ensinamentos para contar.

O texto encontra-se estruturado em três sessões. Na primeira, intitulada História, Memória e História Oral, discutimos sobre o campo da História Social trazendo a importância de investigar sujeitos como Adenil Marinho Fonseca sendo indivíduos essenciais para a formação da identidade local e regional, onde suas memórias são fundamentais para o entendimento destes processos, utilizando a metodologia da História Oral neste percurso da pesquisa; na segunda, intitulada Sobre o personagem Adenil

⁴ Neste contexto, morador da zona rural.

Marinho Fonseca, discutimos a sua trajetória de vida, onde conta seus cotidianos e vivências na comunidade de São Lázaro de Vila Nova; por fim, a terceira intitulada “A gente vivia do que fazia!”, apresentando as memórias que retratam o cotidiano na comunidade e do próprio personagem junto com outros sujeitos que estavam ali desde o começo da sua vida na localidade na segunda metade do século XX, seguida das memórias sobre o imaginário presente ali, histórias sobre o sobrenatural e vivências que o fizeram arrepiar.

Todos estes elementos como a memória e o imaginário nos ajudam a compreender e descobrir outras formas de pensar sobre nosso próprio meio social rural amazônico. Utilizando a metodologia da História Oral, saber ouvir estes testemunhos é uma das práticas essenciais que o pesquisador deve exercer ao entrevistar. Saber lidar com as fontes, analisá-las e discuti-las da maneira adequada pode auxiliar na expansão da consciência de si e em relação a Amazônia profunda, que precisa ser mais compreendida a partir de dentro, das suas memórias e da própria História Local.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: Considerações teórico-metodológicas sobre possibilidades para visualizar aspectos da história social de pescadores no baixo Amazonas.

Sobre História Social

A História Social é um campo da História que se concentra no estudo das relações sociais, das estruturas sociais e das experiências dos indivíduos e grupos sociais ao longo do tempo. Esse campo busca entender como as sociedades se organizam, como as relações de poder se estabelecem e como as pessoas vivem e interagem umas com as outras. (Castro, 1997)

Segundo Hebe Castro (1997), o movimento dos Annales na década de 1920 foi uma grande corrente historiográfica que causou grande impacto na forma em que a história era escrita e pensada. Liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch, os historiadores dos Annales buscavam superar a história tradicional, que se centrava em figuras renomadas e grandes eventos políticos e militares.

Nesse sentido, o movimento dos Annales, sendo um grande ponto de partida para uma Nova História, trouxe novas perspectivas que vinham contrariando as visões da historiografia tradicional, a história propriamente dita pelos grandes homens, uma história que não era contestada desde seus métodos até seus resultados. A partir deste grande salto

que a história se deu, novos horizontes se abriram, novas perspectivas surgiram e consigo, novos campos da história, dentre esses, a História Social.

A referência ao movimento dos Annales se faz necessária por ter se tornado o marco, real ou simbólico, de constituição de uma nova história, em oposição às abordagens ditas rankianas, predominantes entre os historiadores profissionais até a primeira metade do século. Ainda hoje, a expressão “história social” é frequentemente utilizada como forma de demarcar o espaço desta outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional (Castro, 1997, p. 76).

Além da influência dos Annales, estudos Marxistas também influenciaram este campo da história. Buscando investigar mais as classes sociais, famílias, vozes que por muito tempo eram totalmente ignoradas pela historiografia tradicional, assim trazendo a história vista de baixo com grandes resultados que influenciam diretamente inúmeros setores da sociedade. (Castro, 1997)

Ainda sobre o movimento dos Annales, Hebe Castro conclui que:

A revista e o movimento fundados por Bloch e Febvre, na França, em 1929, tornaram-se a manifestação mais efetiva e duradoura contra uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Contra ela, propunham uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico (Castro, 1997, p. 76).

Trazendo as trajetórias de pescadores como ponto de investigação, a História Social é um campo que ilumina os caminhos a serem percorridos dentro da pesquisa. Trazendo uma proposta de valorização para personagens essenciais na cultura local e regional, a busca pelo entendimento da sociedade também pode ser encontrada a partir da investigação destes sujeitos. Os ensinamentos, o folclore, as vivências, as histórias que são contadas de geração a geração também fazem parte deste universo que é bastante relevante dentro da sociedade, a importância de trazer à tona estes elementos culturais nos traz novas perspectivas e novos entendimentos sobre nosso meio social.

Sobre a cultura e como ela age na sociedade, Hebe Castro contribui dizendo que:

É a cultura compartilhada que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e dá inteligibilidade aos comportamentos sociais. Deste ponto de vista, não apenas as representações, mas também as ações sociais são “textos”, passíveis de serem culturalmente interpretados, o que determina um especial interesse do ponto de vista da análise social (Castro, 1997, p. 86).

Portanto, a História Social ajuda a lidar com sujeitos a exemplo dos pescadores e consequentemente a amplificar voz e valorização a eles. Trazendo a importância de trabalhar em diferentes camadas da sociedade, a História Social implica diretamente a estes sujeitos que carregam consigo uma cultura muito rica junto da sua experiência.

Sobre Memória

As memórias são parte importante na família, repassar estas contribui para as gerações futuras que podem acessar aspectos da história, além de manter as identidades vivas. Aprender com o passado também é fundamental, por muitos anos seu Adenil Marinho Fonseca passou adiante suas experiências vividas para seus filhos, assim ajudando a manter as memórias vivas, bem como contribuindo para o fortalecimento dos laços familiares. Assim, tais memórias quando registradas pela metodologia como a História Oral, podem nos informar sobre aspectos da História local e regional.

A memória trata-se fundamentalmente à forma de como as pessoas lembram e interpretam suas experiências passadas, assim seguindo de como elas lidam com a seleção, recriação e até a reinterpretação de determinada memória. A memória também pode ser armazenada e transmitida por meio de narrativas, testemunhos e tradições orais, além de ser influenciada por fatores sociais e políticos, assim como ela pode variar de acordo com a perspectiva e a experiência de cada pessoa. (Polak, 1992).

As memórias, assim como as experiências, ensinamentos e histórias passadas de geração a geração da Família Fonseca são também uma forma de preservação da tradição e da história familiar. Dessa maneira, a troca de saberes dessa memória contribui para que a cultura não desapareça ou caia no esquecimento. Nesse sentido, as memórias passadas de pai para filho são múltiplas e riquíssimas de saberes, vão desde temas e desde histórias sobrenaturais e que só fazem sentido quando confrontadas e ambientadas no imaginário amazônico até o ofício da pesca. Portanto, os usos das memórias de seu Adenil nos processos de escrita de aspectos da História, torna-se fundamental, o que ganha mais relevo, haja vista que “Em tempos passados os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências.” (Delgado, 2006, p. 16).

Também sobre a temática da memória, Michael Polak em seu texto “*Memória e Identidade Social*”, afirma que “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa.” (Polak, 1992, p. 2). No mesmo texto, Michael

Polak também conclui com definições de Maurice Halbwachs, que nos anos 20-30 já dizia que a memória poderia ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Segundo Polak (1992) há também elementos que constroem a memória, sendo em primeiro lugar os acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo os que ele chamaria de “vividos por tabela”, sendo acontecimentos vividos pelo grupo. Além destes acontecimentos, a memória também é constituída por pessoas, personagens. Aqui Polak afirma que também podemos falar de personagens que realmente são encontrados no decorrer da vida, de personagens frequentados por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformam quase em conhecidas, e ainda de personagens que não pertencem necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Além dos acontecimentos e personagens, é possível dizer também sobre os lugares, como lugares de memória, lugares particularmente ligados à uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a fatos concretos e fazem parte da construção da memória.

Sobre a metodologia da História Oral

Como não só registrar as memórias de grupos subalternizados e historicamente excluídos nos processos de escrita da história? Um dos caminhos possíveis é por meio da metodologia da História Oral. Ela traz a preservação e valorização da memória de sujeitos e ou grupos sociais como é o caso aqui dos pescadores, na medida em que a metodologia da História Oral permite a pesquisa e a análise destes sujeitos por meio de entrevistas. Com isso, a metodologia potencializa em grande escala o entendimento social, a partir das perspectivas dos sujeitos que são entrevistados.

Tratando das possibilidades que a História Oral proporciona e da sua importância na historiografia, Verena Alberti em seu texto “*Histórias dentro da história*”, afirma que:

Não há dúvida de que a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas. Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade (Alberti, 2004, p. 158).

Portanto, essa metodologia nos possibilita ter acesso a processos de construção de memórias da vida dos pescadores nos ajuda a entender melhor o nosso próprio passado, desde saber o lugar de onde ele veio, de como adquiriu conhecimentos sobre o ofício da pesca até momentos em que presenciou algo sobrenatural que para muitos são apenas lendas. Trajetórias com a de seu Adenil Marinho Fonseca ilustram o título do texto de Verena Alberti (2005) “Histórias dentro da história”, onde se entrelaçam narrativas localizadas juntamente com fatores sociais mais abrangentes que são fundamentais para a compreensão do nosso meio social quando são analisados e conectados por meio de metodologias multivocais como parecer ser o caso da História Oral. Sobre isso, essa mesma autora nos lembra que: “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (Alberti, 2004, p. 155).

Deste modo, vale lembrar que uma boa abordagem e um bom diálogo são importantes para o êxito no desenvolvimento do registro dos testemunhos, desde a proposta de entrevista até a execução das perguntas, são pontos cruciais que determinam o andar da pesquisa. Ainda sobre os pontos cruciais que o entrevistador deve seguir, Verena Alberti conclui que:

É preciso saber "ouvir" o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca o tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc (Alberti, 2004, p. 158).

Desta forma, além de saber ouvir o entrevistado, é importante manter os termos ou palavras empregadas que ele utiliza, isso faz parte do processo da metodologia ajudando a compreender melhor a narrativa. A utilização de determinado termo por parte do entrevistado pode proporcionar uma diferente visão de mundo para a pesquisa, visto que ao empregá-la, o entrevistado proporciona um vasto leque de possibilidades. Assim como a entrevista contém histórias, algumas podem fugir da compreensão da realidade, como o avistamento de alguma criatura ou alguma vivência no trabalho, estas histórias fazem parte do nosso contexto cultural e alimentam nosso folclore, o imaginário regional é algo muito forte e “presente” na vida dos pescadores da região.

Estivemos atentos nessa pesquisa para o fato da organização para a entrevista é parte importante para a metodologia da História Oral. Nesse sentido, para as entrevistas com seu Adenil Marinho Fonseca, foi construído todo um roteiro temático com blocos

específicos. Os blocos partiram primeiramente com perguntas específicas sobre sua vida pessoal, depois sobre o ofício da pesca, suas memórias e vivências, e finalizando com o bloco específico sobre o imaginário. Cada bloco explorava distintamente questões específicas que contribuem para o entendimento da história local. As entrevistas, divididas em duas, foram realizadas em sua residência em Parintins mesmo, a aplicação da metodologia foi de forma sempre respeitosa, dando o lugar de fala adequado ao entrevistado. Por parte da transcrição das entrevistas⁵, assim como se deve ter cuidados específicos para realizar a entrevista, também se deve ter na hora de transcrever, dando fidelidade ao conteúdo que será analisado.

SOBRE O PERSONAGEM ADENIL MARINHO FONSECA⁶

Figura 1: Adenil Marinho Fonseca, comunidade São Lázaro de Vila Nova.



Fonte: arquivo familiar

Adenil Marinho Fonseca, nascido dia 3 de fevereiro de 1957, filho de Amélia Marinho Fonseca e Onofre Fonseca da Silva. Nasceu na Comunidade da “*São Lázaro de Vila Nova*”, que antes se chamava “*Ilha do Marinho*”. Casado com Maria Olgareth Santarém Fonseca, tem 10 filhos, 22 netos e 1 bisneta.⁷

Cresceu e se criou ali naquela região, teve uma vida difícil, além da pesca, lá eles viviam daquilo que plantavam e colhiam, como malva, juta, milho, melancia, banana, eles iam sobrevivendo daquilo que tinham ali. O acesso à educação formal era muito difícil também, não existia escola na comunidade onde morava e o pouco que aprendiam ali, era com pessoas conhecidas que por sorte lhes ensinavam “*alguma coisa*”.⁸

⁵ Para esta parte estamos seguindo as orientações de ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁶ A fonte dessa micro-biografia é a entrevista com o senhor Adenil Marinho Fonseca. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁷ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁸ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Para se divertir ali com aquela dura realidade, na sua infância produzia brinquedos com materiais de lá mesmo, como barquinhos de madeira, arco e flecha para já ir treinando para a pesca desde pequeno, as meninas produziam ali bonecas também. Quando adulto desenvolveu o ofício da pesca e demais atividades de pequena agricultura comum nas áreas ribeirinhas.

Com o passar do tempo a comunidade foi crescendo, muitas pessoas se viam na necessidade de se mudar para a cidade *de Parintins* em busca de uma educação melhor, seu Adenil viu muitos filhos, sobrinhos e netos partirem da comunidade em busca de uma estrutura básica de serviços para os seus, mas ele permaneceu lá naquele chão que era seu berço. Em meados de 2020, se mudou para Parintins onde vive até hoje com sua esposa Maria Olgareth Santarém Fonseca, atualmente, Adenil está com 68 anos de idade.

“A GENTE VIVIA DO QUE FAZIA!” DAS MEMÓRIAS SOBRE COTIDIANOS E IMAGINÁRIOS

As memórias trazidas de Adenil Marinho Fonseca apontam para alguns cotidianos e imaginários que se fazem presente na vida das pessoas daquela região, como Polak afirma em sua obra “Memória e Identidade Social” (1992), que as memórias podem ser tanto individuais quanto coletivas, e no decorrer da entrevista é possível ver que uma ordem cronológica não é necessariamente obedecida e que o entrevistado retorna algumas vezes a determinado acontecimento.

Sendo assim, as memórias apontam para os cotidianos da comunidade desde sua institucionalização na década de 1960 até os tempos atuais, trazendo as dificuldades vividas no cotidiano das pessoas que ali residiam, como a falta de comércio voltado para os produtos que eram produzidos ali, junto também da colheita de frutas, a pesca, as formas de diversão, entre outros aspectos que integravam o dia a dia da comunidade.

Mesmo sendo considerados sujeitos comuns, a prática cotidiana coloca os comunitários como sujeitos sociais que interagem de forma individual, e ao mesmo tempo coletiva. Michel Carteau(1994), em “A invenção do cotidiano”, diz que as práticas cotidianas se transformam em cultura, onde os elementos fazem parte da vida de quem vive ali. É o que acontece na comunidade de São Lázaro de Vila Nova, muitas práticas se tornaram culturais entre os indivíduos e se tornaram fundamentais na construção da sua identidade.

Assim, como o plantio e a colheita de produtos se tornou essencial na alimentação, a pescaria também teve sua importância na dieta dos comunitários, sendo uma prática que

se tornou cultural com o passar dos anos, os rios e lagos, além de darem o peixe para as pessoas, eram como estradas que ligavam uma área a outra, tendo sua importância em vários sentidos. Sobre as comunidades, Eduardo Galvão afirma que: “(...) a maior parte da população amazônica está distribuída ao longo dos rios e seus tributários, onde se constituem pequenas comunidades rurais. Essas comunidades se compõem de pequenos povoados, ‘sítios’ ou freguesias, na denominação local (...)” (Galvão, 1955, p. 14).

Desde a formação da comunidade de São Lázaro de Vila Nova, as práticas religiosas sempre se fizeram presentes. A fé das pessoas ali ainda continua muito forte, com muitas devoções, promessas e costumes que integram a religião na localidade. Assim como em outros lugares, se tem a festa em honra ao padroeiro, acompanhada de festa no mês de fevereiro. A festa, acompanhada de muita dança, música, comida e bebidas, é tradicional e feita regularmente todos os anos. Segundo Pe. Manuel do Carmo Campos (1995), o catolicismo romano questiona estes atos e vícios como resultado da ignorância sobre as coisas de Deus, onde tais hábitos, mesmo sendo em homenagem ao santo, são vulgares na visão da religião. Estes questionamentos entraram em ascensão na segunda metade do século XX com a missão desenvolvida pelos missionários do PIMI (Pontifícios Missões Estrangeiras). Mesmo com estes questionamentos, as práticas culturais permanecem no período do festejo.

Raimundo Herald Maués, em sua obra “Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular” (2011), conclui sobre as práticas festivas religiosas que o catolicismo não possui restrições, logo, se vê muitas práticas profanas em meio às homenagens ao santo. Há também uma comparação muito comum do “crente” evangélico, onde essa figura seria uma forma de modelo que o católico popular deveria seguir para fugir dos maus costumes, da bebedeira e da falta de respeito. Sobre o comportamento das pessoas, Raimundo Herald conclui que: “O catolicismo não tem peias, restrições, privações. Isso permite o comportamento folgazão das pessoas que festejam Santo Antônio, carregando seu mastro e bebendo cachaça.” (Maués, 2011, p. 7).

Por parte do imaginário, sempre os mais velhos da região contavam histórias relacionadas a coisas “diferentes”, como diz Adenil Marinho na entrevista⁹, e essas histórias faziam parte da vida dos comunitários, onde se fazem parte ali, por exemplo, de

⁹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

lugares encantados como o “Lago da Eufrásia”¹⁰, ou certos pontos onde se ouvia choro de criança etc.

O imaginário, o desconhecido, o “diferente”, como Adenil Marinho diz em uma de suas entrevistas, sempre caminhou junto do povo da comunidade. Não apenas só na localidade da comunidade, mas o imaginário sempre fez parte da vida de quem vive na região. João de Jesus Paes Loureiro (2015), dialoga sobre essa peculiaridade da Amazônia, como um lugar mágico que se entrelaça com a cultura e o cotidiano das pessoas, fazendo parte da identidade regional com suas histórias de arrepiar oriundas de aparições, contos, entre outros aspectos. Sobre esta relação da Amazônia com o homem, João de Jesus Paes Loureiro conclui: “O homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo por ela dominado como forma imaginal motivadora.” (Loureiro, 2015, p. 26).

As crenças eram bastante fortes, hoje ainda se acredita nas diversas histórias que o povo conta pela região, mas todas essas questões mitológicas caminham, de certa forma, com a religiosidade e a fé das pessoas através de rezas para afastar o que se acredita ser mal, a utilização de amuletos que possam proteger, entre outros elementos. Eduardo Galvão (2015) traz essa conexão do homem com os santos, onde o indivíduo crê fortemente na proteção divina:

Os santos, ou melhor, as imagens que os representam, são considerados divindades benevolentes que têm o cargo de bem-estar da comunidade. Sua proteção é obtida através de orações, ladainhas e novenas, sua boa vontade é propiciada, ou mesmo compelida, pelas promessas (Galvão, 1955, p. 64).

Assim como se tem um certo medo, há também o respeito com os setores da natureza, pois tudo ali se acredita ter dono, ao agir com falta de empatia com a mata, se crê que a pessoa sofrerá as consequências. Sobre os protetores e como agem, Eduardo Galvão conclui que:

A malineza, porém, não é uma simples atitude de antagonismo entre o homem e forças extraordinárias. Ela resulta do fato que os bichos visagentos dominam ou controlam um setor do ambiente natural, a mata e os rios. São como entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem (Galvão, 1955, p. 80).

¹⁰ Lago que consideram encantado, os moradores sempre contam histórias de lá, atualmente é usado para pesca em poucos períodos do ano.

Como Verena Alberti (2005) diz, a estratégia de ouvir testemunhos de determinado acontecimento nos faz compreender melhor tal setor, a utilização da metodologia da história oral se faz importante na preservação e reconhecimento destes sujeitos que são peças-chave para a construção da identidade local, nos trazendo memórias e histórias, cotidianos e imaginários que configuram as realidades locais e regionais. A partir da entrevista e diálogo com outras obras, se vê uma construção social muito presente na região como um todo trazendo características em comum no imaginário amazônico. Mesmo se assemelhando com outras, a história da comunidade São Lázaro de Vila Nova tem sua própria identidade, com suas peculiaridades, personagens e contos que atravessam o tempo e nos são uteis para a escrita da História Regional e Local.

3.1. Sobre cotidianos.

Bem no começo, na formação da comunidade (ver fig. 02), Adenil Marinho diz que aquilo era uma grande ilha e foi terra que foi se formando ali, atualmente a comunidade se chama “*São Lázaro de Vila Nova*” (ver fig. 03), mas antigamente se chamava “*Ilha do Marinho*”, pois antes lá morava somente seu avô, Ernesto Marinho.

O meu pai morava na comunidade da *Ilha das Onças* e a minha mãe morava na *Vila Nova*, que antes era chamada de *Ilha do Marinho*, e na época morava só mesmo o meu avô, o Ernesto lá nessa ilha. E conforme o tempo... na medida do tempo aí foram formando família, os filhos, e se tornou já a comunidade mesmo! E já mais tarde recebeu o nome de *Comunidade São Lázaro de Vila Nova*.¹¹ (*Grifos nossos*)



Figura 2: Vista parcial do quadro da comunidade, com destaque para igreja e Barracão. S/D.

¹¹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01.** 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Fonte: arquivo familiar.

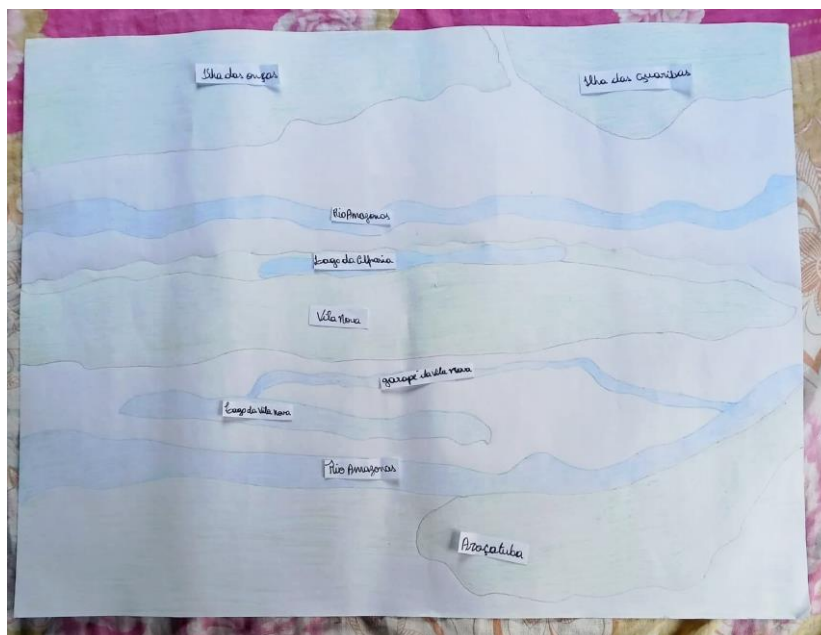


Figura 3: Mapa do arquipélago onde se situa a ilha.

Fonte: Adson Ney Santarém Fonseca.

Sobre grande parte dos moradores saírem de lá nos últimos tempos e irem para outros lugares devido as condições da comunidade e do que ela disponibilizava, Adenil diz que:

E uma parte do povo que moraram ali já saíram, sobreviver em outras ‘parage’ devido a comunidade não disponibilizar de muito recurso e *as pessoas queriam que os filhos estudassem mais, foram obrigados a deixar a comunidade*. Mas ainda permanece as pessoas lá! já pessoas de segundo grau, netos, sobrinhos, que as pessoas mais antigas já morreram, outros saíram de lá.¹² (*Grifos nossos*)

No decorrer do tempo, a comunidade foi se povoando, as famílias foram crescendo ali¹³. Adenil Marinho diz que o cotidiano sempre era difícil, a *falta de comércio* afetava bastante a região e os produtos agrícolas que eram produzidos e cultivados ali dificilmente eram vendidos.

Era muito difícil você encontrar venda para o produto que você produzia, não tinha! Olha, por exemplo, banana, cana, mandioca, o cara ele fazia só mesmo

¹² Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

¹³ Foram muitas famílias presentes na formação da comunidade, os Marinho, os Tavares, os Andrade, os Farias, os Baima, estas famílias foram algumas das pioneiras na construção. Os Souza, os Maia, foram algumas das famílias que foram chegando depois.

para sobrevivência. O cara, quer vender, dificilmente vendia! *o que ele vendia era só mesmo a juta*¹⁴, *a juta ele vendia, a juta, o pirarucu*.¹⁵ (*Grifos Nossos*)

Eles viviam do que plantavam e pescavam, a pesca do tambaqui, pirarucu, a colheita da malva, da juta, plantio de frutas como banana, melancia, faziam parte da vida dos comunitários, mas mesmo com essas pequenas “facilidades”, a vida ainda era difícil na região pela falta de comércio formal naquele local.

Era muito difícil na época a vida ali, *a gente vivia do que fazia*, por exemplo, a gente plantava malva, juta, é... plantava jerimum, milho, melancia, cana, banana e a gente ia sobrevivendo daquilo, a gente tinha o que a gente tinha, a gente vendia¹⁶ para sobreviver. ¹⁷ (*Grifos nossos*)

Além das dificuldades em comercializar seus produtos, outras dificuldades elencadas estão na conservação de alimentos, Adenil conclui que:

Olha, esse negócio de conservar alimento isso daí não tinha não, era na base do sal mesmo! Vou dizer... por exemplo, a gente não comprava nada que dependesse de... de... de... de frio no caso, de frio, o cara só comprava mesmo as coisas que não dependia de estar no gelado.¹⁸ (*Grifos nossos*)

Com o passar do tempo, os famosos atravessadores¹⁹ começaram a passar pela região em suas embarcações, ajudaram de certa forma a economia da comunidade. Quando passavam, compravam produtos dos comunitários e levavam para outras regiões, como diz Adenil:

depois de certo tempo aí já aparecia os... os famosos é... atravessador por lá, aí já foi começando a dar... a dar energia no... na situação do que você tinha para vender. Aí você já vendia banana, já vendia macaxeira, já vendia jerimum, a melancia, aí o caboclo já foi começando a ganhar um dinheirinho a mais. Aí não

¹⁴ A juta chegou a Parintins por volta da década de 1930, com imigração japonesa, e a partir deste município, a juta foi espalhando-se para outros municípios e outros estados do país. (...), mas no estado do Amazonas, a juta e posteriormente a malva foram por um longo período a “atividade responsável por expressivo percentual na formação da renda do estado. (...) Neste caso, compreendemos que a juta no município de Parintins foi um propulsor para os demais municípios do estado do Amazonas, e esta proporcionou emprego e renda a esses municípios. (Dorzane, 2018, p. 3)

¹⁵ Adenil marinho Fonseca. **Entrevista nº 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

¹⁶ Adrião Teixeira, José Teixeira “Teixeirinha”, Anaildes Teixeira, Álvaro Miranda, estes eram alguns dos patrões que sempre compravam as produções de juta e malva.

¹⁷ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

¹⁸ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

¹⁹ Sujeitos que fazem transações comerciais entre as comunidades rurais e as cidades. Geralmente compram os produtos das comunidades e as revendem a preços maiores em outros espaços. Por isso, atravessam entre quem produz e quem consome.

demorava vinha um, vinha outro, aí já comprava juta, já comprava malva, aí o cara já foi começando a mudar a história aí.²⁰ (*Grifos nossos*)

Sobre a condução quando vinha para Parintins, Adenil conta da dificuldade e condições que tinha que passar para chegar até a cidade.

Agora a questão da condução na época era canoa, vela, o cara tinha uma vela, quando ele precisava ir, tinha um dinheirinho lá, ele precisava ir na cidade ele *vinha de madrugada quando era 8 horas, 9 horas ele levantava vela e de volta, cara, não tinha barco de recreio, não tinha nada não*. E a sobrevivência era muito dura, parceiro, não era fácil, e algumas coisinhas que ele trazia assim para vender bem baratinho aqui, trazia, mas não era coisa assim coisa, era só mesmo mínimo do mínimo.²¹ (*Grifos nossos*)

Além das velas e outros mecanismos, ao virem para a cidade, era muito comum utilizarem o *japá*²² na embarcação. Adenil descreve como um teto que protegia principalmente de fortes chuvas e temporais.

Era um teto ali para o cara se salvar ali, e lá quando muitas vezes dava o temporal o caboclo encostava na beira e ali já estava feito porque ele sabia que não ia molhar o temporal. Tudo o que tinha e assim ele ia, mas era... era sufocante, cara, não era fácil, era difícil!²³ (*Grifos nossos*)

As travessias no rio Amazonas eram muito arriscadas, e muitas das vezes a pessoa não tinha escolha a não ser atravessar. Adenil conta que diversas pessoas acabaram falecendo por conta das condições adversas que se passavam ao atravessar. Lembra que:

muitas vezes, cara, nessas trajetórias todas, muitos morreram afogados. Porque além de tudo tinha vela, a pessoa vinha para Parintins, ia atrás de alguma coisa e levava também para despesas para o mês. Quando era de viagem, aí pegava... formava aqueles temporal, pegava o cara aí não podia atravessar rápido, pegava e *perdia tudo! Até a vida, cara!* Muitos morreram assim fazendo essas aventuras assim de travessia e temporal, era muito difícil!²⁴ (*Grifos nossos*)

²⁰ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

²¹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

²² As palhas eram compradas em Parintins com o vendedor Evanildo Nóbrega, na orla do bairro da Francesa, era um ponto bastante movimentado de venda. Na época, Adenil tinha parentes pela cidade, mas apenas duas tias.

²³ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

²⁴ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Outro tema que tem vez nas memórias cotidianas de Adenil é o *das moradias* que segundo ele, *eram bem simples*, sendo parecidas entre si. Sobre as casas, ele rememora que:

(...) na época não existia nenhuma casa que fosse forrada de tábuas e nem... e nem de telha. Tudo era no barro e na palha! Fazia aquele... enchimentavam que o pessoal falava, não é? Enchimentavam tudinho, faziam aquele tipo um curral²⁵, colocava terra lá e de lá para cima era já palha, a palha. Agora eu... eu, na época eu nunca morei assim em casa que fosse no chão, sempre tinha um assoalho, assoalho era tábuas mesmo, mas o resto era só palha e barro e ainda por muito tempo isso ainda permaneceu na comunidade.²⁶ (*Grifos nossos*)

Esta prática está dentro daquilo que Michel de Certeau (1994) denomina de “artes de fazer”, ou “saber fazer”. Esta e outras práticas fazem parte do cotidiano dos indivíduos e adentram naquilo que denomina de “cultura popular”. Sobre estas práticas, Michel de Certeau conclui que:

a "cultura popular" se apresenta diferentemente, assim como toda uma literatura chamada "popular": ela se formula essencialmente em "artes de fazer" isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio "popular", uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (Certeau, 1994, p. 42).

Outra prática que marca as memórias de seu Adenil é *a pesca*. Citada por ele como bastante importante para a sobrevivência dos moradores da comunidade, fazendo parte da cultura local, uma atividade passada de geração a geração, se adaptando às novas tecnologias. Lembra que desde criança aprendiam os conhecimentos sobre a pesca com os mais velhos.

*A gente que convive assim no interior com os pais, você já vai na ativa assim que você vai se entendendo, você já vai logo entrando na ativa, já aprende logo. Por exemplo, na época a gente não usava esses grandes apetrechos de pesca, você usava o quê? O caniço, você usava o arco, a flecha, você usava a hástia, o arpão, era mais o que você lidava com material era só com isso!*²⁷. (*Grifos nossos*)

²⁵ São as casas de Taipa.

²⁶ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

²⁷ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Com o decorrer do tempo, as formas de praticar a pesca e respectivos apetrechos utilizados foram se alterando, novas tecnologias foram se fazendo presente. Adenil conta como era feito na sua época de pescador:

Rapaz, a pesca, a princípio logo ela... ela começou... era arco, flecha, e... e... Malhadeira não existia na época, arrastão, esses tipos de arreo não existiam, só era mesmo arco e flecha, arpão, e era só com que a gente capturava algum peixe, algumas vezes assim pessoal usava um tipo de espinhel para pescar, e era o único apetrecho de pesca que tinha na época era só isso mesmo, era arco, flecha, arpão e... e espinhel.²⁸ (*Grifos nossos*)

O arco e flecha eram apetrechos muito importantes e sempre presente na pescaria, era muito útil na hora de fisgar o peixe.

o arco, a gente pegava, a gente lavava bacana aquele arco ali, fazia um... um... bem bacana para que ele ficasse mole na hora de puxar a flecha para que ele ajudasse lá a pescaria, colocava uma corda. Aí a flecha você usava aqueles bicos de arame, fazia aquelas coroas, três coroas, uma de um lado, outra de outro... três de um lado, três do outro lado, que era para quando pegasse no peixe, para que ele não pudesse sair fácil. E aí uma fisgada ali o cara já gritava, '- mulher, põe a panela no fogo que lá vai peixe!', que já estava seguro mesmo!²⁹ (*Grifos nossos*)

Esses ofícios de seu Adenil iam aprimorando com o tempo, especialmente quando pensou em constituir sua própria família, ter suas coisas, haja vista que já não poderia mais contar com a ajuda dos pais para tudo.

A gente cresce e logo em seguida o cara vai pensar de construir uma família, e aí ele vai ter as coisas dele mesmo e aí o cara tem que procurar a... na época procurava conseguir o que ele queria para... para manter uma família ali. *Primeiro ia construir uma casa, aí depois ele ia procurar comprar uma embarcação, no caso uma canoa, um casco, aí ele ia ajeitar os materiais de pesca dele.*³⁰ (*Grifos nossos*)

Pelo fato da falta de comércio local, a procura dos pescadores pelos peixes era apenas para consumo próprio. O cardápio variava muito, mas pescavam apenas o básico para sua família e para não estragar.

²⁸ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

²⁹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³⁰ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

não tinha venda na época, era só mesmo para consumo. Aí a gente usava mais assim a pesca de tucunaré, de curimatã, tambaqui, peixe liso assim, no caso, surubim, pirarara, era o básico quase que a gente usava. O pirarucu, porque não tinha comércio e a gente não podia pegar em grande escala porque ia estragar, não tinha como vender, não tinha como aguentar ali.³¹ (Grifos nossos)

Durante a pesca poderia surgir algum desafio não tão inesperado assim, Adenil conta sobre a presença de animais peçonhentos e predadores que dividiam o ambiente de pesca:

*O desafio maior que a gente tinha era a questão dos... dos... das coisas do lago mesmo, no caso era *sucuriju*, o cara não podia vacilar que o bicho estava por ali mesmo e ali era o habitat dele, e *jacaré* também, jacaré ele ceifou vida de várias pessoas assim. Na época quem não usava canoa grande, usava aqueles cascos pequenos é um período aí que eles ficam famintos e... e... e aí a gente colocava malhadeira, eles iam pra cima ali.³² (Grifos nossos)*

Além de capturarem os peixes que ali estavam, a relação dos moradores com a natureza sempre era muito respeitosa. Os pais ensinavam desde cedo para os filhos sobre nunca pegarem mais do que o necessário para o consumo, pois sabiam que o alimento estragava fácil e não tinha como conservar na época, além de não ter um comércio forte.

Geralmente o que eles ensinavam, cara, que eles também... eles eram umas pessoas que defendiam a natureza. Na época, olha, por exemplo, se tu tinha uma família de 3 a 4 pessoas, tu não tinha necessidade de pegar 50kg, 30kg de peixe, tu não tinha essa precisão, se tu pegasse era para estragar porque não tinha comércio.³³ (Grifos nossos)

Mesmo respeitando o meio ambiente, os comunitários sofreram bastante com a depredação da natureza por parte de gente que vinha de fora e faziam a pesca não mais artesanal. Por aquela região ser muito farta em questão de peixes, atraía muitas pessoas que utilizavam maneiras diferentes de pescar, que acabou influenciando boa parte dos residentes da comunidade.

muitas pessoas que eram influência da ... da malva, da juta. Aí eles começaram a chegar e viram que ali existia um número bem alto de tudo. No caso de pirarucu, tambaqui, pirapitinga, pitiú, tracajá, peixe-boi. De tudo tinha, aí começaram a ficar de olho lá em cima e aquelas pessoas que iam pra lá, eles já levavam um apetrecho diferente. E com o tempo o pessoal também aprendeu a

³¹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³² Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³³ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

usar, já da comunidade, e aí começaram a depredar mais a natureza ali.³⁴ (*Grifos nossos*)

O cotidiano ali não era apenas trabalho, também havia formas de diversão como a *produção de brinquedos* de materiais que encontravam por ali, como barquinhos de madeira, bola, que eles embolavam vários panos e usavam para jogar futebol, arco e flecha, onde desde menores já praticavam ali a pesca com apetrechos do ofício, as meninas produziam bonecas de pano.

A diversão de criança, na época que eu tinha de 7 a 8 anos, *a gente fazia aqueles barquinhos de pau*, fazia com todo material mesmo de barquinho. E as cunhantãs, *a mãe faziam aquelas bonecas de pano*, e não tinha esse negócio de coisa moderna que tem hoje não. Aí arco, *aquele arquinho, o cara ia começar já a treinar, fazer a flecha para flechar*, e tudo era assim. Cara, não tinha negócio de coisas que tem hoje não, *as coisas de criança tudo era produzido lá mesmo!*³⁵ (*Grifos nossos*)

As formas de diversão eram bastante conectadas aquilo que o meio lhes oferecia. O acesso a diferentes recreações externas não existia e por lá, eles arrumavam uma forma de se distrair.

Rapaz, o que a gente fazia mais quando a gente era criança era mesmo esse negócio de jogo de bola e... só coisa assim, que não tinha, não tinha diversão nenhuma como tem hoje, pode ir nessas comunidades hoje aí na várzea tudo os coisa, na época não tinha nada não. Cara, e cada um... como assim, por exemplo, final de semana ‘- bora fazer tal coisa assim fora da casa’, não tinha não, *por lá mesmo o caboco fazia aquele campinho improvisado no terreiro e lá o cara curtia o final de semana.*³⁶ (*Grifos nossos*)

A questão do acesso à *educação formal* também era difícil. Muitos não tinham condições de ir para a cidade frequentar a escola e ficavam por ali mesmo, muitos cresceram sem saber assinar o próprio nome. Na entrevista, Adenil conta como foi difícil conseguir aprender algo, mas teve sorte de conhecer uma pessoa que lhe ensinou o básico, inclusive a assinar o próprio nome. “*Eu aprendi a assinar meu nome, ler alguma coisa, mas eu não tive a felicidade de... de ter uma escola para mim estudar, para mim quem sabe até ser alguém*”³⁷.

³⁴ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³⁵ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³⁶ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

³⁷ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 1**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Sobre a falta de acesso à educação escolar na comunidade, Adenil ressalta que:

Escola não existia, não tinha como a gente procurar pelo menos assinar o nome porque não tinha como, não tinha escola mesmo, aonde tinha era só em Parintins, mas ninguém tinha como, *os pais não tinham como trazer seus filhos pra cá e por lá mesmo a gente ficava. E é por isso que muitos não conseguiram nem assinar o nome*, cara. Olha, eu estudei já mesmo na sorte com alguém que sabia algum pouquinho³⁸. ³⁹(*Grifos nossos*)

A construção da escola na comunidade foi uma conquista muito grande para os moradores, que receberam do então vereador recém-eleito na época, Bi Garcia, com grande satisfação a primeira e única escola, que ainda está ativa. A escola rendeu e ainda rende muitos frutos, alunos comunitários se formaram lá e se tornaram profissionais nas áreas que puderam seguir.

aí levamos, fizemos a condução da madeira, do material tudinho para a Vila Nova e lá foi a primeira escola a ser feita na Vila Nova, que recebeu o nome de Maria Valdith Tavares Teixeira⁴⁰, e dessa escola, lá, eu tenho uma sobrinha que é freira no Espírito Santo e vários... e vários sobrinhos, professora, tenho uma filha que é psicóloga, não é? Tudo começando... começou ali, tenho neto formando, já formado graças a Deus.⁴¹ (*Grifos nossos*)

Nessa memória, podemos refletir sobre a importância de o Estado se fazer presente minimamente nas comunidades com direitos básicos como é o direito a educação.

A questão religiosa sempre foi bastante presente na comunidade como em várias outras, tendo São Lázaro celebrado fortemente até os dias de hoje, mas para implementar a igreja católica lá, houve um certo acordo entre a igreja e os comunitários.

na época o meu tio Benedito Marinho, ele era o responsável lá, aí ele falou para o... acho que o Dom Arcângelo parece, ele falou para ele que se não seria melhor fazer um núcleo lá né, aí disse que não, que a comunidade lá não era comunidade, só era comunidade as Onças. Eu sei dizer que houve lá um desentendimento do meu tio com o Dom Arcângelo, e ele disse que se ele não conseguisse... não

³⁸ Na época, Teixeira, um dos principais comerciantes locais, cedeu um espaço para a realização das aulas em um pedaço de armazém. As aulas eram ministradas por Valdenice, que era remunerada pelo próprio Teixeira.

³⁹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁴⁰ Maria Valdith Tavares Teixeira era uma professora de família muito humilde que acabou falecendo, ao construir a escola, o vereador recém-eleito, Bi Garcia, sugeriu o nome em homenagem pois tinha uma amizade muito forte com ela. Foi a primeira obra realizada pelo então vereador.

⁴¹ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

deixasse formar um núcleo pelo menos lá, que ele ia abrir mão para os crentes para eles entrarem lá e fazerem uma... uma igreja, sei lá, alguma coisa. Como há uma rivalidade, aí ele aceitou, aí tá, aí dali foi que começou a primeira igreja, aí de lá foi para a segunda e hoje está lá, o padroeiro é São Lázaro de Vila Nova.⁴² (*Grifos nossos*)

Durante a segunda metade do século XX, houve uma intensa atuação da igreja católica nas comunidades amazônicas, onde foram reinventadas sob a obra de agentes pastorais católicos. “Novas formas de cidadania” eram resultantes da atuação dos agentes pastorais, em nome da implantação das chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Maués, 2010). Sobre o trabalho da igreja católica nas comunidades, Raimundo Heraldo Maués, conclui que:

A expressão “comunidade no sentido social da evangelização” é retirada da fala de um camponês e quilombola da comunidade de Santo Antônio, no município de Concórdia do Pará, que resultou de desmembramento recente do antigo município de Bujarú, na microrregião de Tomé Açu (mesorregião do Nordeste Paraense). A meu ver, ela expressa muito bem o resultado da atuação de agentes de pastoral da Igreja Católica que trabalham na implantação de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Maués, 2010, p. 13).

De santo católico, é apenas cultuado São Lázaro, sempre foi apenas ele, sua festa acontece anualmente no dia 11 de fevereiro quando a água sobe e possibilita a entrada de barcos maiores. Quando a área não está apta para receber os barcos, há uma espera até que a água dê condições de adentrarem. A festa não possui mastro, mas tem muitas pessoas que fazem e pagam suas promessas a São Lázaro. É dada comida aos cães como forma de agradecimento ao santo, que também é padroeiro destes animais. Atualmente quem rege as missas são os *ministros da palavra*⁴³ Lelino Teixeira Marinho e Admilson Marinho Andrade Tavares.

O dito catolicismo popular, onde muitos condenam como profano ou vulgar diante das palavras de Deus, é bastante presente nesta e em outras comunidades Amazônicas. Principalmente em período de festejo nas comunidades, a fé e a recreação se misturam. Sobre o catolicismo popular, Eduardo Galvão conclui que:

⁴² Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 01**. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁴³ O ministro da palavra é responsável por ler e explicar as Escrituras durante as celebrações, ajudando a comunidade a entender e aplicar a mensagem de Deus em suas vidas.

Nas festas como na organização das irmandades, elementos sagrados e profanos se misturam. Deus e Cristo recebem culto e reverência, porém são considerados entidades demasiado remotas. A devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos (Galvão, 1955, p. 29).

Com o passar do tempo a comunidade foi crescendo (ver figura 04), foi tendo escola (ver figura 05), igreja (ver figura 06), mas na medida do tempo, as pessoas iam saindo de lá em busca de melhores condições de vida para seus filhos. *“E uma parte do povo que moraram ali já saíram, sobreviver em outras ‘parage’ devido a comunidade não disponibilizar de muito recurso e as pessoas queriam que os filhos estudassem mais”*⁴⁴. O cotidiano ali fazia as pessoas buscarem novos horizontes, principalmente em questão da educação, mas algumas pessoas ainda residem lá e mantêm firme a presença da família na comunidade.



Figura 4: Quadro da comunidade. Ano: 2025

Fonte: arquivo familiar

⁴⁴ Entrevista nº 1. Adenil Marinho Fonseca. 02 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.



Figura 5: Escola da comunidade ao centro, atualmente passou por reforma. Ano: 2025

Fonte: arquivo familiar



Figura 6: À direita da escola, a igreja de São Lázaro, padroeiro da comunidade. Ano: 2025

Fonte: arquivo familiar

3.2. “*sempre os mais antigos falavam que existia várias coisas ali(...). A pessoa nunca andava só de um na praia porque ele ia ver coisas!*”. Das memórias sobre o imaginário.

O imaginário sempre caminhou junto com o cotidiano das pessoas da comunidade, desde histórias que eram contadas pelas vozes dos mais velhos, até aparições de “*coisas diferentes*”. A pesca é a prática social em que o imaginário mais se entrelaça nas memórias de seu Adenil.

Rapaz! Olha, ali, na época que foi formando a terra caída, *sempre os mais antigos falavam que existia várias coisas ali* diferentes. Eles contavam que quando chegava dia 4 de outubro, sempre era época da camada, *famosa*

*camada dos pitui, bichos de casco, tartaruga e tudo. A pessoa nunca andava só de um na praia porque ele ia ver coisas.*⁴⁵ (Grifos Nossos)

O Lago da Eufrásia é um lugar encantado, onde até hoje dizem ver coisas por lá, hoje é utilizado para a prática da pesca em poucos períodos do ano, mas ainda assim é muito respeitado e suas histórias seguem sendo contadas. Conectando a origem do nome do lago levar o nome da moça que se encantou, Eduardo Galvão (1955) aborda essa temática que ele vai chamar de “reino encantado”, onde é morada dos *companheiros do fundo*: “O reino é à semelhança de uma cidade, com ruas e casas, onde tudo brilha como se revestido de ouro. Os habitantes desse “reino” do fundo dos rios têm semelhanças com criaturas humanas, sua pele é muito alva e os cabelos louros.” (Galvão, 1955, p. 67). Adenil conta da origem desse nome, que veio de um trágico acontecimento na comunidade, quando recebiam visita de amigos de Parintins que foram passear pela região.

foi uma menina, segundo que eles contavam que ela estava menstruada e começou a pular n’água lá, beirando na praia não é! E quando prestaram atenção ela estava se distanciando para fora e não passava da água por aqui assim não é, da cintura. Aí que o pessoal começou a perceber a situação aí foram querer agarrar ela e não conseguiram mais resgatar a menina, aí ela mergulhava e foram pra cima e não conseguiam, não conseguiram resgatar mais ela *até que ela sumiu e não boiou mais.*⁴⁶ (Grifos nossos)

A ideia de ser “encantado” é bastante presente nas comunidades e cidades amazônicas, onde se acredita ter envolvimento com o mundo sobrenatural, algo que vai além da compreensão do nosso mundo. Eduardo Galvão em “Santos e Visagens”, conceitua o “encantado” da seguinte forma: “O conceito é definido localmente como uma força mágica atribuída aos sobrenaturais. Seres humanos, animais, objetos podem ficar encantados por influência de um sobrenatural.” (Galvão, 1955, p. 66).

Os conceitos ligados à lugares como esses ditos encantados são bem divididos na concepção de quem vive ao redor. A dualidade de sentidos, onde se divide naquilo que vê de forma lógica e naquilo que se entende de forma mágica. João de Jesus Paes Loureiro, em “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário” aborda a questão da dualidade de concepções desta chamada paisagem mágica:

A paisagem amazônica, composta de rios, florestas e devaneios, é contemplada pelo caboclo como uma dupla realidade: imediata e mediata. A imediata, de

⁴⁵ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁴⁶ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

função material, lógica, objetiva. A mediata, de função mágica, encantatória, estética (Loureiro, 2015, p. 134).

João de Jesus Paes Loureiro ainda traz o conceito da paisagem mística sobreposta à paisagem natural. Elevando o entendimento de questões místicas sobre o Lago da Eufrásia, pode-se dizer que lá teve essa sobreposição, onde se vê muito bem o lago como uma paisagem mística, superando a paisagem natural. Sobre questões mágicas dos rios, João de Jesus Paes Loureiro conclui que:

Por detrás do olhar do rio há um mundo de signos, seres, mistérios. Assim, por detrás do rio – que é o olho olhado que nos olha – há um mundo de mitos, lendas, encantarias. O rio, torna-se, portanto, como uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo o que é vivo, de tudo o que tem vida (Loureiro, 2015, p. 214).

Adenil conta uma história que envolve também o Lago da Eufrásia. Numa determinada área do lago, se formava uma represa e utilizavam disso para arpoar pirarucu. Um pescador chamado João Cativo com mais um parceiro, ao ficarem olhando para a água esperando o peixe passar, começaram a enxergar uma cidade dentro da água, e lá eles ficaram parados por uns minutos, até que João o chama para irem embora. Ao contarem mais tarde sobre o ocorrido, falam que se ficassem por mais um tempo lá, lá eles iriam ficar.

quando ele olhou aquilo amodo que rapidinho clareou a vista dele, ele via tudo assim coisa de cidade, cara, e aquelas coisas de cidade, e aquele movimento, diz que aí o homem ficou paraplégico lá que não podia se mover para nenhum lado, aí diz que ele andava com um outro parceiro, aí ele falou para o parceiro dele que já era bom eles irem embora, aí o parceiro estava lá e também não sabia se mover mais, cara. E depois... e depois, cara, eles foram embora, e quando foi de noite, na outra noite, diz que foi lá um cara falar com ele, ele disse *‘olha, se tu demora mais uns minutos lá, tu ia ficar lá mesmo!’*.⁴⁷ (Grifos nossos)

A ideia de cidades encantadas é bastante comum na Amazônia. Desde os mais antigos já se falavam sobre estas tais cidades do fundo que se assemelham com as cidades urbanas. Acredita-se que assim como essas cidades encantadas podem ser chamativas aos olhos, há um risco que se corre ao vê-las, pois o indivíduo tem chances de ser encantado e nunca mais sair de lá. Eduardo Galvão em “Santos e Visagens” (1955, p. 67) conceitua estas cidades como “reinos” que se assemelham à uma cidade com ruas, casas, mas como se tudo fosse revestido de ouro. Também descreve os habitantes como

⁴⁷ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

semelhantes a criaturas humanas com pele alva e cabelos louros. Conclui descrevendo que se alimentam de uma comida especial que se provada pelos habitantes desse mundo, os transformam em encantados que jamais retornam do “reino”.

Existiam coisas que um ou outro ali viam, mas Adenil conta que o que todo mundo ali via era um fogo que andava, fosse por terra ou por água. Todos ali viam, mas nunca mexeram. “o que a gente via todo mundo via ali era um fogo. *Um fogo que andava por terra, por água*, e nunca ninguém soube o que era porque ele nunca batia em ninguém, nunca... não era que ele corresse para cima da pessoa, era a pessoa que corria dele”⁴⁸ (*Grifos nossos*).

O fato de não querer caminhar sozinho em determinado local ou ir à beira do rio em determinados horários do dia ou noite, esses e outros elementos integram o imaginário da região, trazidos com causos contados por Adenil. Destacamos um deles, que é a história do pescador que gostava de fumar e saiu para pescar sem seu fumo, ao avistar um outro “pescador” mais adiante, lhe pediu um fumo, o sujeito lhe deu e quando o pescador prestou atenção, o sujeito tinha sumido.

Aí está, aí diz que ele falou lá com ele, falou com ele, mas também ele não olhou na cara dele, era todo tempo de lado com ele, ele disse “!- parceiro, me arranja um cigarro, tem tabaco aí?”, “- tem”, “arranja um tabaco aí”, puxou, teceu assim, “tá siomi, tá beleza então! vou ainda ver se pego um peixe”. Aí o cara saiu, cara, no que ele saiu, aí ele pegou, já tinha acendido o cigarro, não é? Deu uma baforada lá, quando *ele deu aquela fumada que ele prestou atenção para o cara, não enxergou mais, cara!*.⁴⁹ (*Grifos Nossos*)

Eduardo Galvão, em “Santos e Visagens” (1955) comenta sobre a *malineza*, onde diz que até mesmo uma pessoa pode se transformar em bicho e judiar de outra. Sobre outras circunstâncias, o fato de castigar ou punir uma pessoa, parte do fato de esses bichos serem protetores de determinado lugar como um rio, uma área de mata, enfim, algo que seja do ambiente natural.

Adenil conta em sua entrevista que o fumo deu muita dor de cabeça no pescador, que logo voltou para sua casa, mais tarde foi levado à um curador na comunidade das onças, e lá a família recebeu a notícia que o homem foi tão “*ajudado*” (Galvao, 1955) que estava em estado delicado. Na saída para irem embora, o homem se atirou na água,

⁴⁸ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁴⁹ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

foi uma intensa luta para puxarem o homem de volta e quando conseguiram, puxaram o homem já sem vida.

Era nas Onças, cara, quando prestaram atenção disque ele estava batendo água lá fora já no rio mesmo, no fundo, foram para lá, disque focavam lanterna, era já de manhã, umas 3:30 da manhã, disque *ele estava com a água por aqui e tacavam em cima e “tchepei” n’água e boiava de novo e assim ficaram*, cara, aí quando foi... *amanheceu o dia aí eles conseguiram agarrar ele*, cara, mas já agarrou já para morrer mesmo, morreu o cara judiado do bicho de lá.⁵⁰ (Grifos Nossos).

Segundo Eduardo Galvão (1955), ser judiado significa sofrer as consequências de seus atos referentes à natureza, há também aquelas pessoas que se transformam em bicho apenas para maltratar ou punir outras. Ao ser judiado, é comum o indivíduo ter muita febre, dor de cabeça e ficar com a aparência amarelada. Cada setor do ambiente natural, seja a água, a mata, ou qualquer uma que seja, tem seu protetor que rege aquele lugar. “Nada acontece ao indivíduo que mata um ou outro animal ou que de qualquer maneira se utiliza dos recursos naturais à sua disposição, mas quando chega ao abuso (...), as consequências são más para o indivíduo.” (Galvão, 1955, p. 80).

Portanto, ser “judiado de bicho” é algo que todos ali têm medo, pois sabem que as consequências são muito ruins. Dor de cabeça, febre, entre outras mazelas podem atingir o indivíduo, no pior dos casos, levando à morte por conta da judiação. Segundo Eduardo Galvão (1955), ser judiado significa sofrer as consequências de seus atos referentes à natureza, há também aquelas pessoas que se transformam em bicho apenas para maltratar ou punir outras.

Bem como Adenil Marinho conta sobre o ocorrido da judiação que o homem sofreu, se vê o medo das pessoas têm sobre esses seres que são presentes nas histórias que vão sendo contadas na região. Além da proteção de determinadas áreas da natureza em que os protetores fazem parte, há também aqueles seres que apenas judiam, sem algum motivo aparente. Sobre este perigo, a obra “Encantaria Brasileira, o livro dos mestres, caboclos e encantados”, de Reginaldo Prandi, conclui que: “(...) os encantados são perigosos, pois podem provocar doenças nas pessoas comuns, bem como levá-las para o fundo” (Prandi, 2004, p. 23).

Adenil afirma que esta é uma história real. Bem como João de Jesus Paes Loureiro (2015) diz que no contexto das matas, dos rios, dos peixes, dos animais, do homem, do

⁵⁰ Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista n° 2**. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

mito, o imaginário estabelece uma conexão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias.

O imaginário e o real se confundem e dão sentidos múltiplos aos cotidianos das comunidades amazônicas. Assim como outras situações, a exemplo do homem que foi encontrado morto na sua própria rede, relatos dizem que ele foi morto por visagem⁵¹ enquanto dormia. Seu Adenil descreve que:

(...) lá em cima diz que ele estava embrulhado mesmo, “-ei, te acorda, cara!”, rum, nem, abriu a rede, diz que o cara bem morto. E... e segundo que eles falavam, *foi a visagem que matou ele, engasgado lá, e depois dessa morte aí que o negócio ficou perigoso!* Cara, disque quando os caras iam pescar, disque *eles botavam a linha, e não ia mais de um, já ia dois, três...*⁵² (*Grifos Nossos*).

Em seus estudos Eduardo Galvão, indica que:

‘Visagens’, na fala regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; à cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu de grande porte, mas que também pode mostrar-se sob a aparência de um navio encantado (Galvão, 1955, p. 4).

Adenil também conta de quando era adolescente e certa vez passou do horário de ir para casa, como sua mãe era bastante rígida, tratou de ir logo embora. Quando passou uns 100 metros de onde tinha saído, começou a sentir que algo o acompanhava.

Quando eu saí de lá do ponto, não é? Eu tirei a calça, fiquei só de cueca, larguei a calça no meu pescoço. Parceiro, quando eu andei, acho que uns 300, uns 100 metros fora da casa, *eu senti assim um... que algo vinha atrás me acompanhando*, eu não tinha uma caixa de fósforo, não tinha uma lanterna, não tinha um isqueiro, não tinha nada, no escuro e noite escura e na época era bananal, parceiro!...⁵³ (*Grifos nossos*)

No caminho para sua casa, Adenil ainda passa pela frente da casa da sua falecida tia, que tinha morrido há 3 meses, e lá também já tinham enterrado uma criança que nasceu morta. Como na comunidade nunca teve cemitério, o corpo de quem falecia era levado para Parintins ou para a agrovila do Caburi.

⁵¹ “Visagens”, na fala regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; à cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu de grande porte, mas que também pode mostrar-se sob a aparência de um navio encantado. (Galvão, 1955, p. 4)

⁵² Adenil Marinho Fonseca. **Entrevista nº 2**. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁵³ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

Adenil diz que já tinha escutado choro de criança antes por lá, o local era famoso por conta de escutarem esse tal choro, e passar por aquela parte o deixou ainda mais aflito no caminho para casa.

aí enterraram a criança lá perto de uma... uma imbaúbeira lá, e lá eu já tinha visto, cara, choro de criança, que... diz que batizaram, faziam aquela cerimônia antes quando morria, batizavam em casa. E tá, só que a pessoa que batizou, ela não era casada, e aí o pessoal disseram que era por isso que a criança chorava. Rapaz, e aí tudo aquilo foi enchendo a minha cabeça, eu digo pra mim mesmo: ‘- cara, não tem jeito!’ e lá na casa não tinha ninguém e pra eu cair n’água era muito longe da beirada da água, era grande, rapaz, ‘aí eu falei é hoje. É pegar ou largar!’.⁵⁴ (Grifos nossos)

O medo foi tomando mais conta quanto mais Adenil caminhava para casa, na sua cabeça, se ele corresse logo, mais rápido a coisa iria o alcançar. Chegando em certo ponto quando já podia ver sua casa, não pensou muito, correu sem parar até chegar em casa desesperado, e aquilo que o perseguia ainda estava vindo atrás dele. Quando entrou em casa, ainda pôde escutar algo lá fora, era aquilo que o estava perseguindo.

quando eu vi já dava pra eu correr e arrastei a porrada! Rapaz, eu subi na escada, cheguei lá fui meter minha cara na porta e a porta foi abrindo, que era de palha, não é? E entrei, e aquele... *aquele bagulho veio, rapaz, “tei, tei, tei, tei, tei”*, só não vi ele entrar, passar para dentro, e fui no rumo do quarto da mamãe, ‘- mamãe, mostra a lamparina que...’ - ‘que... que tu?...’. ‘Rapaz, o negócio aqui tá querendo me agarrar!’.⁵⁵ (Grifos nossos)

Durante a pesca também se sentia algo, principalmente pela noite. Adenil conta que ouvia coisas, mas pensava que poderia ser algum bicho dali mesmo, não tinha medo.

assim, a gente *ouvia assim algum assovio de noite*, e... alguma coisa assim que a gente não tinha certeza que era, porque *você que anda de noite, cara, você vê muita coisa*, canto de bicho, não é? Bicho até que a gente não conhece, a gente vê assim canto, muitas vezes o cara... o cara não conhece e vai considerar que é uma coisa assim... que vai dar medo para o cara, uma coisa que é para comer, mas não é, cara, *é só mesmo a questão da noite, que cada um tem um jeito de viver no mato, de cantar e é assim...*⁵⁶ (Grifos nossos)

Adenil também conta uma história que foi contada pelo seu pai era de um pretinho que era visto pela região da Ilha das Onças. Como era comum acenderem lamparinas no

⁵⁴ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁵⁵ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁵⁶ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

final da tarde para o começo da noite, um homem foi acender algumas que ficavam numa parte de fora da casa, na parte do roçado, quando viu próximo dali um curumim tomando banho na beira do rio. O homem não pensou outra, foi atrás do menino que se escondeu numa seringueira que tinha buraco por dentro, o homem voltou para pegar um machadinho e foi em direção do menino.

pegou o machado e veio, ‘- tou, tou, tou, tou, tou’, lá derrubou o pau, aí meteu o cabo do machado no buraco, - ‘*ele tá aí dentro, vou já matar esse*’, aí pegou, atorou o pau, o buraco continuava para dentro, aí tornou a torar de novo, arredou o buraco, não achou, ‘- mas se eu tornar a topar ele eu vou matar ele aqui, vou pegar ele’.⁵⁷ (*Grifos nossos*)

O homem voltou para casa e horas mais tarde voltou para aquela parte onde tinha visto o curumim, mas desta vez foi surpreendido pelo menino que veio em sua direção.

diz que quando ele chegou lá, rapaz, disque lá veio o curuminzinho na direção dele, disse ‘- é, tu não soubeste me... me judiar, mas hoje tu vais pegar muita porrada!’, voou nele, o cara metia a mão, só era a dele que pegava, do moleque, e porrada, e porrada, e porrada e porrada, era meio grande o roçado, cara, e longe da casa. Rapaz, *e depois ele queria gritar, mas não saía voz do cara*, aí diz que prestaram atenção *os cachorros começaram a latir*, ‘- só pode ser o fulano, alguma coisa tá acontecendo’. Rapaz, e foram pra lá, cara, *o homem vinha todo lascado e pegou muita porrada*.⁵⁸ (*Grifos nossos*)

O homem foi levado ao curador e lá ele soube que aquele curuminzinho era o dono do local e que se tentasse contra ele de novo, a pessoa não iria mais voltar. Lugares como este, seja rio, mata, entre outros, todos têm dono que zelam pelo espaço, punindo quem trata mal aquilo que deve ser respeitado. As entidades protetoras guardam a natureza da depredação do homem, esta crença é o que traz a concepção de mãe ou pai de bicho, de porto, de igarapé, entre outros setores da natureza. Nada acontece a quem mata um animal ou outro, ou tira algum recurso dali, mas quando chega ao abuso, as consequências são bem ruins. (Galvão, 1955, p. 80). Ainda sobre a ideia de donos de lugares, Adenil conclui dizendo que:

Olha, *tudo era considerado como se tivesse um dono ali, uma mãe, um pai*, sei lá, não sei, mas as pessoas tinham um respeito pela natureza, olha, por exemplo, ‘- olha meu filho, vai na beira, vai, vai, vai que já vai dar 18hrs, vai tomar teu banho, não demora que já vai dar 18hrs...’⁵⁹ (*Grifos nossos*)

⁵⁷ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁵⁸ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

⁵⁹ Entrevista n° 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

As histórias vão sendo contadas com o passar do tempo, pais contando para filhos, depois filhos para netos, alguns já até vendo presencialmente algo sobrenatural ali, mas a fé sempre é forte. Ao sair, como já era de costume dos mais antigos, sempre faziam ali sua oração pedindo proteção, Adenil adotou este costume até os dias de hoje, sendo um forte exemplo de mesmo tendo convivido ouvindo histórias e até presenciando, nunca deixou de lado a sua fé.

A gente adotou assim os mesmos princípios dos nossos pais, não é? E... eles ensinavam que quando antes de sair, o cara tinha que rezar, se pegar com Deus, pedir para que Deus livrasse a gente dali... daquela aventura que o cara ia fazer, e sempre era isso, cara, que eu sempre fazia e faço até hoje.⁶⁰ (*Grifos nossos*)

Vale destacar que as histórias fazem parte da vida das pessoas da região e influenciam em costumes, como não ir sozinho a determinado local, a sempre orientarem seus filhos a não irem para a beira/margem do rio ao meio-dia ou 18h da noite, assim como outros costumes que são resultantes desse diálogo com o imaginário presente nas histórias contadas e causos vistos pelos próprios moradores da comunidade. Além do cotidiano dos comunitários que envolvia a pesca, o plantio e colheita de frutas, o imaginário também contribui para a formação da identidade local, os influenciando a agir de certa forma perante a natureza, exercendo ali uma relação de respeito com o meio ambiente porque acima de tudo, era, e ainda é a fonte de muito sustendo para aqueles que ainda moram na comunidade.

A região é bastante enigmática onde desde sempre os mais antigos contavam histórias e afins, reforçando a ideia de a terra envolver algo inexplicável, ou que não é normal para o homem comum, e isso não foge de conceitos que a Amazônia traz ao longo dos séculos. Sobre isso, João de Jesus em sua obra clássica “*Cultura Amazônica, uma poética do imaginário*” afirma: “É, portanto, uma terra alegórica, no sentido de estar coberta por adereços e disfarces, mantenedora de fantasias, sentimentos e desejos outros, enfim, uma terra-simulacro que se fala”. (Loureiro, 2015, p. 11).

A Amazônia agrega diversos elementos que envolve religião, sendo predominantemente católica, há o envolvimento de uma fé muito forte entre os moradores da comunidade. O imaginário e até mesmo o sobrenatural se entrelaçam com a religião

⁶⁰ Entrevista nº 2. Adenil Marinho Fonseca. 06 de abril de 2025. Local: sua residência em Parintins-AM.

por meio de orações para afastar tal aparição, ou até mesmo como forma de proteção ao sair de casa, principalmente durante a noite. Eduardo Galvão (1955), dialoga como as crenças e costumes fazem parte da religião de um povo: “São conceitos que embora não façam parte do corpo formal de crenças católicas, são observados e devem ser encarados como parte da religião do povo porque exprimem atitudes e relações com o sobrenatural.” (Galvão, 1955, p. 66).

Em espaços da Amazonia profunda como Vila Nova, cotidianos e imaginários se conectam e conformam partes da complexidade que é a Amazonia sociocultural que deve cada vez mais ser fonte para outras Histórias Sociais do tempo presente, mas que interconectam tempos passados e apontam para futuros sustentáveis e humanamente suportáveis como ensinam os cotidianos e imaginários de gentes como seu Adenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória e a metodologia da história oral têm sido fundamentais para a escrita da História Social, permitindo que historiadores explorem as experiências e perspectivas de indivíduos e grupos que, de outra forma, poderiam ser marginalizados ou esquecidos. Por muitos anos, a historiografia tradicional privilegiou e exaltou os grandes homens como figuras únicas da História, deixando de lado indivíduos que participaram diretamente da construção da história de determinada sociedade.

A memória é um conceito-chave na História Oral, pois permite que os historiadores acessem as experiências e percepções de indivíduos que viveram eventos históricos. Através da História Oral, é possível capturar as narrativas e histórias de vida de pessoas que, de outra forma, poderiam ser silenciadas. A memória e a metodologia da história oral oferecem possibilidades ricas para a escrita da História Social, permitindo que historiadores explorem as experiências e perspectivas de indivíduos e grupos de maneira profunda.

A metodologia da história oral nos dá diversas potencialidades referentes às memórias que são trabalhadas, essas memórias nos ajudam a entender melhor a formação de determinada sociedade, classe social e até comportamentos contemporâneos que são originados dos cotidianos vividos no decorrer do tempo. É uma metodologia que amplifica voz de sujeitos como seu Adenil Marinho Fonseca nos abre portas para entender aspectos da nossa própria identidade local, com as entrevistas realizadas foi possível entender aspectos da formação social da região, juntamente da sua formação cultural muito forte, onde se faz presente o ofício da pesca, prática realizada e passada de geração

a geração, acompanhada pelo tempo e resistindo pelos pescadores que ainda exercem o ofício.

Assim se faz também presente os acontecimentos vividos por tabela (Polak, 1992), como a formação da prática religiosa da comunidade, ou os acontecimentos que de fato ele participou, como a construção da escola. Estes e outros elementos fazem parte das memórias trazidas por Adenil Marinho e nos ajudam a compreender as potencialidades que a história oral pode proporcionar, sendo uma metodologia essencial para ampliar as vozes de sujeitos ditos comuns, mas que são peças fundamentais na construção da História Social.

FONTE

Adenil Marinho Fonseca. Entrevista 01 em 02/04/2025 em sua residência na cidade de Parintins

Adenil Marinho Fonseca. Entrevista 02 em 06/04/2025 em sua residência na cidade de Parintins

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. **A decadência do catolicismo popular na região Parintinense (1955-1975)**. Revista de Cultura Teológica 12:109-117, 1955.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção Antropologia Social)

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, v. 9, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2006.

DORZANE, Everton Vieira. **“EU SOFRI MUITO NA JUTA”: história e memória dos trabalhadores da juta da Comunidade São Sebastião da Brasília Parintins-AM (1950-1980)**. 2018.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um Estudo da Vida Religiosa em Itá, Bahia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Manaus: Valer, 2015.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Comunidades "no sentido social da evangelização": CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira.** *Religião & Sociedade*, v. 30, n. 2, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **OUTRA AMAZÔNIA: OS SANTOS E O CATOLICISMO POPULAR.** Belém: Cejup, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

REZNIK, Luís. **“Qual o lugar da história local?”** Apresentado no *V Taller Internacional de História Regional y Local*. Havana/Cuba, 2002.